

Saussure: uma teoria e dois destinos?

Eminéa Aparecida Vinhais¹ (UFU)

Resumo:

Este trabalho se propõe a realizar uma investigação de duas obras de Ferdinand de Saussure: o *Curso de Linguística Geral*, editado por seus alunos, e os *Escritos de Linguística Geral*, editados por Bouquet e Engler. O foco da pesquisa é contrastar a Teoria do Valor. Para tal, será realizada uma síntese da teoria no *Curso de Linguística Geral* e posteriormente nos *Escritos de Linguística Geral*, utilizando um quadro comparativo. A finalidade é investigar se o conteúdo teórico está presente em ambas as obras e realizar uma breve análise sobre tal proposição.

Palavras-chave: Teoria do valor; *Curso de Linguística Geral*; *Escritos de Linguística Geral*.

Abstract:

The aim of this paper is to investigate Ferdinand de Saussure's works *Course in General Linguistics*, edited by his students, and *Writings in General Linguistics*, edited by Bouquet and Engler. The focus of this research is to contrast the Theory of Value. The comparison is made by summarizing the theory found in both *Course in General Linguistics* and *Writings in General Linguistics* through a comparative table. The purpose is to make a brief analysis as a result of an investigation on the presence of theoretical content in both Saussure's works.

Keywords: Theory of value; *Course in General Linguistics*, *Writings in General Linguistics*.

Introdução

Ferdinand de Saussure (Genebra, 26 de novembro de 1857 – Morges, 22 de fevereiro de 1913) foi um linguista suíço, considerado, após sua morte, como pai da linguística. Suas teorias propiciaram ao século XX o surgimento do estruturalismo, do qual também é considerado fundador. Como pai da linguística, propõe *grosso modo* que esta ciência tenha seu próprio objeto de

estudo, a saber, a língua, concebida como um sistema no qual cada elemento só pode ser definido ou positivado por meio de sua relação com os outros elementos no sistema. Tal advento deu-se a partir de sua obra considerada fundadora, o *Cours de Linguistique Générale*¹.

Sobre o Curso de Linguística Geral

Após a morte de Saussure, em 1913, época em que ministrava o terceiro curso de Linguística Geral (série de cursos que deu origem ao livro) na Universidade de Genebra (SAUSSURE, 1974, p. XVI), seus alunos buscaram o arquivo de notas do professor no intuito de levar a público seus ensinamentos. No entanto, as buscas foram frustradas, sem uma única anotação ser encontrada. Assim, decidiram por se incumbir da complicada tarefa de compilar e comparar as notas dos alunos feitas durante os três cursos, e a inevitável dificuldade em escrever o que havia sido ensinado oralmente.

Tal proposta foi liderada por Charles Bally e Albert Sechehaye, que deixaram claro haverem feito escolhas e seleções para a publicação do livro, sendo possível obter esclarecimentos sobre esse trabalho no prefácio à primeira edição dos editores, em que expuseram suas dificuldades e limites quanto à tarefa. A tarefa empreendida alcançou êxito, por parte dos alunos nela envolvidos, quando finalmente culminou na obra *Curso de Linguística Geral*, publicada em 1916, na qual os editores afirmam:

Sentimos tôda a responsabilidade que assumimos perante a crítica, perante o próprio autor, que não teria talvez autorizado a publicação destas páginas. Aceitamos integralmente semelhante responsabilidade e queremos ser os únicos a carregá-la. Saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes?(...)
(SAUSSURE, 1974, p. 4).

Sobre os Escritos de Linguística Geral

Abordemos, agora, a outra obra póstuma de Ferdinand de Saussure, alvo de nosso trabalho, os *Escritos de Linguística Geral*², publicados em 2002, por Bouquet e Engler.

Em 1996, num anexo da residência de Saussure, foram encontradas inúmeras páginas manuscritas do linguista genebrino, tendo sido algumas delas publicadas na edição de Bouquet e

¹ Doravante, CLG.

² Doravante, ELG.

Engler. Essas páginas manuscritas estão reunidas com os escritos de Saussure a respeito da linguística geral, e se encontram na Biblioteca Pública e Universitária de Genebra.

De acordo com Bouquet, os ELG são um livro que realmente conteria os ensinamentos fiéis de Saussure, porque se referem aos seus manuscritos, ou seja, foram redigidos pelo genebrino. Para o editor,

(...) o pensamento saussuriano, que os textos originais nos fazem descobrir, é menos categórico do que o *Cours* na medida em que se apresenta como uma batalha contra a falta de reflexão epistemológica que caracteriza a linguística: como a batalha pela renovação dos conceitos fundamentais dessa ciência. Esses dois pólos mostram-se característicos das notas do curso e dos manuscritos, sustentando um pensamento mais sutil, mais límpido, mais convincente do que o do *Cours*. No livro de 1916, eles são como que esmagados e, até mesmo, sistematicamente apagados (BOUQUET, 2002, p. 14).

O livro, ELG, é organizado pelos autores da seguinte forma:

Para o conjunto desses novos documentos, nós adotamos os princípios editoriais seguintes: (...) – Estabelecimento do texto: o texto estabelecido respeita o máximo possível o texto do manuscrito, que permanece aquele de um rascunho, não de um livro acabado. As lacunas no manuscrito são transcritas por colchetes vazios. As leituras incertas são incluídas nos colchetes. Os sublinhados foram homogeneizados pelos editores: eles estão transcritos em caracteres itálicos. As letras maiúsculas, em regra geral foram mantidas. O emprego “em menção” de palavras francesas ou estrangeiras foi reproduzido de maneira homogênea com caracteres itálicos. As mudanças de linhas reproduzem o mais fielmente possível a lógica gráfica do manuscrito. As passagens rasuradas no manuscrito não foram reproduzidas (BOUQUET, 2000 apud SILVEIRA, 2007, p. 123).

De acordo com Silveira (2007), este livro permite uma leitura mais ágil do que aquela realizada diretamente nos manuscritos saussurianos, pois, nestes, depara-se com rasuras, brancos, anotações transversais, dificuldade de compreender a letra, entre outras questões. Afinal, os manuscritos não estavam preparados para serem enviados à publicação.

A título de esclarecimento

Consideramos importante deixar claro o posicionamento deste trabalho quanto ao *Curso de Linguística Geral* e aos *Escritos de Linguística Geral*.

Sabe-se que o CLG foi elaborado a partir de uma ‘reconstrução’ dos alunos de Saussure sobre suas aulas nos três cursos de Linguística Geral em Genebra, a despeito de sua vontade. De outro lado, os *Escritos de Linguística Geral*, publicados por Bouquet e Engler, seriam, de acordo com seus editores, um livro que realmente contém os ensinamentos fiéis de Saussure, pois parte dos manuscritos encontrados após sua morte.

É fato que Bouquet posiciona-se de maneira contrária aos conteúdos do CLG. Em suas palavras: “(...) essa obra oferece, por outro lado, um reflexo deformado do pensamento que pretende divulgar, falseando, sob dois importantes aspectos, as notas do curso e os manuscritos de Saussure em que se apóia. [...] (BOUQUET, 2004, p. 13.)

E, de forma ainda mais contundente, afirma Bouquet:

De início é preciso sublinhar que o prefácio do Curso, quaisquer que sejam as suas reservas, propôs-se a manter um equívoco persistente: Bally e Sechehayé, que reescreveram e reorganizaram integralmente o texto de 1916, apresentaram Saussure como “autor” e se apresentaram como “editores”. **Este abuso terminológico justifica**, a meu ver a razão de manter o Curso como apócrifo. (...) Logo, o nome próprio de Ferdinand de Saussure, autor do Curso pode ser considerado como ilegítimo. Para lhe render justiça, conviria antes falar na ocorrência de um Pseudo-Saussure e de seus pseudo-editores (BOUQUET, 2009, p. 162. Grifos do autor).

Como é possível perceber por estes excertos, Bouquet então se posiciona desfavoravelmente ao CLG. Dessa maneira, propõe que os *Escritos* refletem verdadeiramente a obra do genebrino, por não terem sido editados e por se tratar de suas anotações, de seus manuscritos. Bouquet (2009) ainda emite um juízo particular, ao afirmar que a descoberta dos manuscritos deverá contribuir para evitar todo amálgama entre o Pseudo-Saussure e o Saussure autêntico.

No entanto, nota-se que, para Silveira (2007), a opção de Bouquet em publicar este livro consistiu em eliminar as dificuldades e os impasses emergidos pelas rasuras, restando a sensação de que, de alguma forma, houve uma edição por parte dos editores. Assim,

é clara a decisão dos autores pela exclusão das rasuras (...) [e] em comparação com a leituras dos manuscritos, resta a sensação de que houve uma edição por

parte de Bouquet e Engler e não um estabelecimento do texto. No sentido mesmo em que o termo “edição” se aproxima do trabalho feito por Bally e Sechehaye (SILVEIRA, 2007, p. 123).

O CLG é um livro considerado como marco de uma época, fundador da linguística e responsável pelo advento do estruturalismo. Assim como Normand (2009a), não estamos no encalço de um pseudo *verdadeiro* Saussure. O CLG é um livro fundador e não se pretende adentrar em críticas ou elogios acerca de seu papel na história das Ciências.

Dessa forma, não nos posicionaremos nem contra, nem a favor do CLG ou dos ELG, tampouco colocaremos em xeque o mérito do *Curso* como livro que concedeu a Saussure um lugar privilegiado como fundador da linguística e do estruturalismo. Todavia, pretende-se, acima de tudo, produzir a partir destes dois trabalhos, entrevedo o que for possível a partir de ambas as produções.

Finalmente, vale elucidar que sempre que se se referir às obras CLG e ELG, considerar-se-á Ferdinand de Saussure autor de ambos os livros.

Os *Escritos* e o *Curso*: contrastação

Por que a Teoria do Valor? Esta seria uma pergunta importante frente aos inúmeros conceitos propostos por Saussure. Tal opção e recorte justificam-se por se entender que esta trata de um ponto reconhecidamente importante entre as contribuições teóricas saussureanas, bem como no âmbito das contribuições científicas de maneira geral. Tal posicionamento acerca desta Teoria, que para este trabalho também se configura como preciosa, é recorrente em outros autores. Em um artigo sobre a teoria do valor no CLG, Silveira (2009) afirma: “Destacamos o IV capítulo da segunda parte “O Valor Linguístico” como central na trama de elaborações saussureanas e fundamental para continuarmos contando a história dessa busca de respostas sobre a natureza da língua (SILVEIRA, 2009, p. 48).

Ainda nos reportamos a Claudine Normand (2009b), pois, para esta autora, seu posicionamento a respeito desta teoria é marcado pela importância aos linguistas. Em suas palavras, “O que está em jogo é de suma importância, pois se trata dos elementos que o linguista considera necessário descrever em seu funcionamento concreto (NORMAND, 2009b, p.74).

No CLG, a Teoria do Valor conta com capítulos específicos para abordar a questão, já no que se refere aos ELG, tal teoria encontra-se disseminada por toda a obra. No entanto, vale lembrar que se trata dos manuscritos de Saussure, e não de um material pronto para publicação.

Inicialmente nos preocupamos em importar os conceitos mais importantes do CLG. Em seguida, buscamos no ELG qualquer referência que nos reportasse à Teoria do Valor presente no CLG. Após tais seleções, realizou-se um estudo que fizesse um contraste, no sentido de verificarmos se o que há no CLG coincide com as informações contidas nos ELG, e vice-versa. Pretendemos, portanto, investigar se o conteúdo teórico do ELG, no que se refere à Teoria do Valor, é de conteúdo distinto do que há no CLG, para então produzirmos um estudo comparativo resultante tal pesquisa.

Quadro comparativo da Teoria do Valor no CLG e nos ELG

A proposta agora é elaborarmos uma síntese da Teoria do Valor de Saussure, partindo inicialmente do CLG. Para tanto, utilizar-se-á a segunda parte do livro, capítulo IV – O valor linguístico. Tal síntese se faz necessária para elaborarmos uma leitura contrastativa com o ELG.

No CLG, no capítulo da Teoria do Valor, encontramos a seguinte ordem: o autor aborda a teoria da língua de forma geral, em seguida a natureza do significado, na terceira parte trata do significante e, enfim, apresenta o signo em sua totalidade funcionando no sistema linguístico.

A opção por um quadro comparativo deve-se à possibilidade de obter uma visão geral e imediata dos pontos coincidentes ou não, encontrados tanto no CLG quanto no ELG.

A prévia leitura do CLG poderá facilitar a compreensão da síntese e dos pontos considerados para este trabalho. Quanto aos excertos dos ELG, todas as páginas estarão citadas dentro do quadro comparativo:

	CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL	ESCRITOS DE LINGÜÍSTICA GERAL	ANÁLISE COMPARATIVA
A	Saussure propõe que, para compreender os sistemas de valores puros, deveremos inicialmente considerar o significante e o significado.	Afirma que a linguagem é redutível a cinco ou seis dualidades ou pares de coisas: “Primeiro par ou <i>dualidade</i> : os dois lados psicológicos do signo” (Saussure, 2002, p. 258).	Entendemos que os dois lados psicológicos que aparecem no ELG referem-se ao significante e ao significado. Portanto, este conceito aparece em ambas as obras.
B	Nosso pensamento é uma massa amorfa e indistinta antes da linguagem.		No CLG Saussure trata do pensamento e de como a língua o organiza. Não foi possível retirar dos ELG

	Para ele, o fato linguístico em seu conjunto é uma série de subdivisões contíguas marcadas simultaneamente sobre o plano indefinido das ideias confusas, e sobre os sons indeterminados. O papel da língua seria servir de intermediária entre o pensamento e o som, onde seria possível delimitar unidades.		algo que nos pudesse reportar a tal conceituação. Para Silveira, Saussure “reelabora a relação entre pensamento e língua. Tal feito não havia ainda sido conseguido (...)” (SILVEIRA, 2009, p. 50). É um posicionamento inovador do pensamento do genebrino.
C	Não se deve isolar som do pensamento e vice-versa.	“... é profundamente errado imaginar que há oposição entre o som e a ideia, que são, ao contrário, indissolivelmente unidos pelo nosso espírito.” (SAUSSURE, 2002, p. 60). “Se existe uma verdade <i>a priori</i>, e que exija apenas bom senso para se estabelecer, é que se há realidades psicológicas, e se há realidades fonológicas, nenhuma das duas séries separadas seria capaz de dar origem, por um instante, ao menor fato linguístico.” (SAUSSURE, 2002, p. 93). A ideia, assim como o som, “... só vai representar um dos elementos do valor e será uma ilusão acreditar que, em nome desses elementos, seja possível tratar, através da pura psicologia, as diferentes unidades da língua. Além disso e entre parênteses, eu não pretendo dizer que a palavra seja estabelecida por ideia/som (...)” (SAUSSURE, 2002, p. 249).	Tanto no CLG quanto nos ELG, aparece, de maneira clara, o fato de não se separar som da ideia, ou, dito de outra forma, significante de significado. O que se nota de diferente é que se deve compreender ‘realidades psicológicas’ como significado, e ‘realidades fonológicas’ como significante. Nos ELG ainda não estão totalmente claros e definidos os termos que Saussure usava para designar significante e significado. Mas está clara, nas duas obras, a associação de ideia e som, ou seja, não devem ser considerados isoladamente.
D	A decisão do significante e do significado é arbitrária	“(...) não há na língua, nenhuma determinação, nem de ideias e nem de	Encontramos aqui a proposição de Saussure sobre a arbitrariedade do

	A coletividade é que estabelece os valores, o indivíduo é incapaz de fixar um valor.	forma; não há outra determinação além da determinação da ideia pela forma e da forma pela ideia.” (SAUSSURE, 2002, p. 39). “Com efeito, toda espécie de valor, mesmo usando elementos muito diferentes, só se baseia no meio social e na força social. É a coletividade que cria o valor, o que significa que ele não existe <i>antes</i> e <i>fora</i> dela, nem em seus elementos decompostos nem nos indivíduos.” (SAUSSURE, 2002, p. 250) Nas páginas 248 e 249 há mais excertos referentes à coletividade. “(…) na associação que constitui o signo, não há nada, desde o primeiro momento, além de dois valores que existem um em virtude do outro (arbitrariedade do signo).” (SAUSSURE, 2002, p. 287).	signo linguístico e o aspecto social da língua. Nos ELG encontram-se algumas páginas dedicadas a abordar a questão da coletividade como fator primordial na existência e funcionamento dos signos, e algumas vezes essas referências são associadas à questão do Tempo. A língua, para o genebrino, só existe na coletividade que estabelece seu valor, seu uso, enfim, para Saussure, a coletividade é ponto fundamental para a existência da língua. Isto é fato tanto no CLG quanto nos ELG.
E	Não se deve operar simplesmente pela união do significante e do significado. Deve-se, antes, partir da totalidade solidária “... para obter, por análise, os elementos que encerra.” (SAUSSURE, 1974, p. 132). Posicionar-se-á visando abordar a questão do valor no ponto de vista do significado, do significante e do signo total.	Afirma que é completamente ilusório querer isolar, nesse jogo de signos, as significações de um lado e aquilo que representa simplesmente a diferença ou a coincidência das ideias segundo os signos; assim, é imprescindível conhecer o jogo dos signos. (SAUSSURE, 2002, p. 36)	Deve-se também considerar a totalidade dos signos para compreender seu funcionamento. Em ambos os livros, o autor se propõe a olhar para o signo linguístico tentando compreendê-lo em seu jogo, em seu funcionamento, o que não é possível considerando apenas o significante ou o significado.
F	Trabalhará sobre as palavras, pelas	“Como não há <i>unidade</i> alguma (de qualquer ordem	Saussure trata da dificuldade em se

	dificuldades em se captar as entidades concretas ou unidades da língua.	e de qualquer natureza que se imagine) que repouse sobre alguma coisa além das <i>diferenças</i>, na realidade a unidade é sempre imaginária, só a diferença existe. Entretanto, somos forçados a proceder com a ajuda de unidades positivas, sob pena de ser, desde o início, incapazes de dominar a massa dos fatos. Mas é essencial lembrar que essas unidades são um expediente inevitável de nossa [], e nada mais: <i>assim que se coloca uma unidade, isto equivale</i> a dizer que é conveniente deixar de lado [] para atribuir momentaneamente uma existência separada a []” (SAUSSURE, 2002, p. 76).	trabalhar com a língua considerando sua unidade. No CLG propõe que se considere a palavra; nos ELG esta dificuldade também é abordada, inclusive no texto notam-se frases interrompidas bruscamente, sem que se dê continuidade às suas ideias. Parece, mesmo, que a dificuldade de definir unidades da língua, surge pela dificuldade em alcançar uma definição. O autor sugere no CLG que se considere a palavra, enquanto que, nos ELG, devem se considerar as unidades positivas.
G	Trata da dificuldade em distinguir valor de significado, e da confusão que estes conceitos geram. O valor é determinado pelo concurso do que existe fora. Fazendo parte de um sistema, há não apenas a significação, mas também um valor, e são coisas diferentes.	“Nunca é demais repetir que os <i>valores</i> dos quais se compõe primordialmente um sistema de língua (um sistema morfológico), um sistema de sinais, não consistem nem nas formas nem nos sentidos, nem nos signos nem nas significações. Eles consistem na solução particular de uma certa relação geral entre os signos e as significações” (SAUSSURE, 2002, p. 30-31). “(…) Assim como não há significação fora do signo <i>a</i>, assim também não há signo fora da significação.” (SAUSSURE, 2002, p. 67).	No CLG o autor está abordando a dificuldade em se distinguir valor de significado e, para tal, também recorre ao que é o valor linguístico. Nos ELG percebe-se a forma é tratada por aquilo que entendemos por <i>significante</i>, tentando mostrar que signo em sua totalidade não é a mesma coisa que significações. Consideramos que, no CLG, a tentativa de separar significação do signo, em sua totalidade e em seu valor, foi mais frutífera e mais clara do que nos excertos que localizamos nos ELG.
H	O significado tem uma relação verticalizada com o <i>significante</i>, aparece como contraparte da imagem auditiva.	“Assim, não apenas não haverá termos positivos, mas <i>diferenças</i>; mas, em segundo lugar, essas diferenças resultam de uma	Saussure propõe no CLG que se considere a relação do <i>significante</i> com o significado, propondo-a verticalizada. Nos ELG,

		combinação da forma e do sentido percebido.” (SAUSSURE, 2002, p. 62).	propõe apenas uma combinação entre forma (entendemos forma como significante) e sentido (entendemos sentido como significado).
I	O valor é definido por suas relações horizontais, onde “... o valor resulta tão-somente da presença simultânea de outros...” signos. (SAUSSURE, 1974, p. 133).	“... Todo fato linguístico consiste em uma relação, e consiste em nada mais do que em uma relação.” (SAUSSURE, 2002, p. 224).	Entendemos que, nas duas obras, a relação dos signos uns com os outros é fator primordial. O que está acrescido no CLG são as relações horizontais, até mesmo para distinguir a relação verticalizada entre significante e significado.
J	Os valores são regidos por coisas dessemelhantes e por coisas semelhantes.	“... o valor linguístico será como o valor de uma moeda de cinco francos. Esse valor é determinado por uma multidão de outras coisas além do metal que faz parte dela; neste momento, essa moeda vale um quarto de uma de vinte francos, mas, pelo metal, valeria apenas um oitavo, se depois essa peça, exatamente com a mesma quantidade de metal, exibisse uma ou outra efígie, à esquerda ou à direita de um frontispício. Esse valor é coisa incorpórea (...)” (SAUSSURE, 2002, p. 247). “Valor: com relação ao franco, ainda é relativamente possível acompanhá-lo no tempo com as variações de seu valor, sem esquecer que o contravalor (50.000 francos) varia, por sua vez, de valor, conforme os estados de abundância do ouro etc. Mas tudo isso preserva um valor final por força das coisas e não pode, na maioria das vezes,	O autor afirma no CLG que o signo tem dois princípios paradoxais, pois podem ser trocados por outro cujo valor será preciso determinar e, ao mesmo tempo, pode ser comparado com outra cujo valor esteja em causa. De maneira similar, é o que também se propõe nos ELG, nos três excertos extraídos do texto: considerando o exemplo da moeda de cinco francos, esse valor por ser determinado pela moeda, por outras coisas além do metal, além da possibilidade de ser trocada por alguma outra coisa.

		ultrapassar um certo limite.” (SAUSSURE, 2002, p. 287). “Valor é, eminentemente, sinônimo, a cada instante, de termo situado em um sistema de termos similares, do mesmo modo que é, eminentemente, sinônimo, a cada instante, de coisa cambiável.” (SAUSSURE, 2002, p. 289).	
K	Todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam. Sinônimos só têm valor pela oposição de outras palavras, pois, se não existissem, todo o conteúdo significativo iria para uma mesma palavra. Se as palavras representassem conceitos de antemão, toda palavra teria um correspondente exato em qualquer língua. O conceito não tem nada de inicial, este é dado por suas relações com outros valores semelhantes. Som e pensamento produzem forma e não uma substância.	“Enfim, nem há necessidade de dizer que a diferença dos termos, que faz o sistema de uma língua, não corresponde em parte alguma, mesmo na língua mais perfeita, às relações verdadeiras entre as coisas; e que, por conseguinte, não há nenhuma razão para esperar que os termos se apliquem completamente, ou mesmo incompletamente, a objetos definidos, materiais ou não. (SAUSSURE, 2002, p. 70) “(…) o sentido repousa no puro fato <i>negativo</i> da oposição de valores (…).” (SAUSSURE, 2002, p. 71). “Então, mesmo que se trate de designações muito precisas como <i>rei</i>, <i>bispo</i>, <i>mulher</i>, <i>cão</i>, a noção completa envolvida na palavra resulta apenas da coexistência de outros termos; o <i>rei</i> não é mais a mesma coisa que o <i>rei</i> se existe um <i>imperador</i>, ou um <i>papa</i>, se existem <i>repúblicas</i>, se existem <i>vassalos</i>, <i>duques</i> etc.; (…)” (SAUSSURE, 2002, p. 73).	Saussure é objetivo e sucinto para tratar de sinônimos e significação das palavras no CLG. Contudo, deixa claro que não existem conceitos dados de antemão, e que as palavras não representam coisas. Ainda que som e pensamento produzam forma e não substância, o que quer dizer que som e pensamento não têm valor intrínseco, tal valor só é possível no sistema. Já nos ELG, utiliza inúmeros exemplos, conta-se com páginas para explicar que som ou pensamento não têm valor imanente.

		“(…) a lei absolutamente final da linguagem é que nela nada há que possa residir em <i>um</i> termo (em consequência direta do fato dos símbolos linguísticos não terem relação com que devem designar), que <i>a</i> é impotente para designar qualquer coisa sem a ajuda de <i>b</i>, como este sem a ajuda de <i>a</i>; ou que os dois valem por sua <i>diferença</i> recíproca, ou que nenhum deles vale, nem mesmo por uma parte qualquer de si mesmo (...)” (SAUSSURE, 2002, p. 188).	
L	O valor de qualquer termo está determinado por aquilo que o rodeia. O valor de um termo pode modificar-se sem que se altere seu significante ou seu significado, somente alterando um termo vizinho.	“Toda espécie de elemento vocal (...) é sujeito, por natureza, a existir sob dois regimes: aquele em que ele se torna definível com relação ao que se segue e precede, aquele em que ele é definível com relação a []” (SAUSSURE, 2002, p. 58). “Como o signo primeiro, não valeria nada, se não fosse pelos signos ambientes, é inútil se perguntar como os que dele procedem valem isto, não valem aquilo e valem, mesmo, alguma coisa (...)” (SAUSSURE, 2002, p. 63). “A cada signo existente vem, então, SE INTEGRAR, se pós-elaborar, um valor determinado [], que só é determinado pelo conjunto de signos presentes ou ausentes no mesmo momento; e, como o número e o aspecto recíproco e relativo desses	Saussure dirá no CLG que o valor linguístico é determinado pelos signos que estão presentes na cadeia sónica, ou seja, o valor é definido pelos termos que o seguem e o precedem. Encontrou-se também esta mesma conceituação nos ELG, que focalizam a importância da relação dos signos, enfim, dos elementos na cadeia. Ou seja, em ambas as obras consta o aparecimento do valor relacionado aos signos presentes na cadeia linguística.

		signos mudam a cada momento, de uma maneira infinita, o resultado dessa atividade, para cada signo, e para o conjunto, muda também a cada momento, numa medida não calculável.” (SAUSSURE, 2002, p. 80).	
M	Em lugar de ideias dadas de antemão, encontram-se valores que emanam do sistema. Os valores são diferenciais, definidos não por sua positividade, mas pela negatividade de suas relações com outros termos do sistema. Sua característica é ser o que os outros não são. Tanto o significante quanto o significado são constituídos exclusivamente “... por relações e diferenças com outros termos da língua...” Ser arbitrário e ser diferencial são duas qualidades correlativas Nossa consciência não percebe a/b mas apenas a diferença a/b. Portanto, não há valor intrínseco, mas posição relativa. Não há substância material fônica, mas unicamente diferenças de imagem acústica. Os sons necessitam apenas ser distintos uns dos outros. Na língua há apenas	“(...) Fica-se obrigado a colocar, como fato primordial, o fato GERAL, COMPLEXO e composto de DOIS FATOS NEGATIVOS: da <i>diferença</i> geral das figuras vocais associadas à diferença geral dos sentidos que se pode atribuir a elas.” (SAUSSURE, 2002, p. 31) A língua “... repousa sobre um certo número de diferenças ou de oposições que ela reconhece, sem se preocupar essencialmente com o valor absoluto dos termos opostos, que poderá variar consideravelmente...” (SAUSSURE, 2002, p. 37). “Considerada de qualquer ponto de vista, a língua não consiste de um conjunto de valores <i>positivos</i> e <i>absolutos</i>, mas de um conjunto de valores <i>negativos</i> ou de valores <i>relativos</i> que só tem existência pelo fato de sua oposição.” (SAUSSURE, 2002, p. 71). “<i>Nenhum signo é, portanto, limitado no total de ideias positivas que ele é, no mesmo momento, chamado a concentrar em si mesmo</i>; ele só é limitado negativamente, pela presença simultânea de outros signos; e é, portanto,	Consideramos a proposição teórica da diferença, da arbitrariedade e da negatividade como elementos cardeais para a teoria do valor. São tratados no CLG e também são articulados nos ELG. No entanto, maior enfoque é concedido ao fato da diferença, em especial nos ELG. Novamente, no CLG, observam-se as proposições de maneira mais objetiva, enquanto nos ELG Saussure se dedica mais a explicar este fenômeno, e a lhe proporcionar um lugar de destaque na compreensão dos elementos da linguagem.

	diferenças conceituais e fônicas, sem termos positivos.	inútil procurar qual é o total de significações de uma palavra.” (SAUSSURE, 2002, p. 72). Encontram-se nas páginas 35, 61 e 225 mais referências à questão da diferença. “ (...) a língua, como os outros tipos de signos, é, antes de tudo, um <i>sistema de valores</i>, e é isso que estabelece seu lugar no fenômeno.” (SAUSSURE, 2002, p. 250).	
N	O som é, para a língua secundária, matéria que põe em jogo.	“(…) a mudança dos sons é um fator capital, e isso não impede que, num certo sentido, o som seja estranho à natureza etc. Do mesmo modo, por exemplo, a matéria que entra numa moeda não é uma coisa de que não se possa tratar, mas seria um grande erro acreditar que é ela que constitui a moeda (...)’ (SAUSSURE, 2002, p. 247). “Não basta se ocupar dos sons, mas dos sons em sua sucessão regular” (SAUSSURE, 2002, p. 257).	Para Saussure o som é importante, porém, é matéria secundária na Teoria do Valor. Tal proposição aparece nas duas obras. Novamente o autor está chamando nossa atenção não para o som em si, mas para a sucessão dos sons, ou seja, para a cadeia linguística.
O	Perante o signo em sua totalidade, encontramos frente a algo positivo em sua ordem.	“... os signos existentes evocam MECANICAMENTE, pelo simples fato de sua presença e do estado sempre accidental de suas DIFERENÇAS a cada momento da língua, um número igual não de conceitos, mas de <i>valores opostos por nosso espírito</i> (...); essa <i>oposição de valores</i>, que é um fato PURAMENTE NEGATIVO, se	No CLG a proposta é abordar o valor linguístico sob a perspectiva do significante, do significado e da totalidade do signo. Nesta parte, a totalidade do signo é visto sob um prisma positivo, e não mais negativo, como se via na imagem acústica e no sentido. Nos ELG, não encontramos esta proposta assim tão didaticamente observável.

		transforma em fato positivo, porque cada signo, ao evocar uma antítese com o conjunto dos outros signos comparáveis em uma época qualquer, começando pelas categorias gerais e terminando pelas particulares, se vê delimitado, <i>apesar de nós</i>, em seu valor próprio. (...)” (SAUSSURE, 2002, p. 80).	No entanto, percebe-se que se está avaliando os signos em sua totalidade em sua associação e postados em uma cadeia, o que nos dará sua positividade no sistema.
P	Dois signos que comportem significante e significado não são diferentes, são apenas distintos, existe entre eles oposição. Unidade e fato de gramática são nomes diferentes para designar o jogo das oposições linguísticas.	Sobre a língua, dirá que esta “... repousa sobre um certo número de diferenças ou de oposições que ela reconhece, sem se preocupar essencialmente com o valor absoluto dos termos opostos, que poderá variar consideravelmente, ...” (SAUSSURE, 2002, p. 37). “(...) nos continuamos a dizer que a língua só se alimenta, em sua essência, de oposições, de um conjunto de valores perfeitamente negativos, que só existem por seu contraste mútuo.” (SAUSSURE, 2002, p. 66). “Considerada de qualquer ponto de vista que pretenda ter em conta sua essência, a língua consiste não em um sistema de valores absolutos ou positivos, mas em um sistema de valores relativos e negativos, que não tem existência, a não ser como efeito de sua oposição.” (SAUSSURE, 2002, p. 74). Encontram-se outras referências ao tema nas	Saussure propõe que o signo em sua totalidade seja considerado a partir de sua oposição com outros signos, e o que chama de positivo não é o valor contido em uma palavra. A positividade do sistema se dá em oposição aos outros signos. Nos ELG não se fala em signo em sua totalidade, mas se diz língua. Vale lembrar que, no CLG, o autor fala em negatividade e em diferenças quando está abordando significante e significado isoladamente, para pensarmos em valores. Nos ELG, por não termos essas características abordadas separadamente, elas vêm todas juntas. No entanto, entende-se que nada disso prejudica ou confunde o que é língua para o genebrino. Vale lembrar que a separação de significante e significado é apenas didática, pois são associados para formar o signo linguístico.

		páginas 27, 63 e 65.	
Q		“Quando se chega, em terceiro lugar, às ciências que se ocupam, não mais do valor que tem uma raiz nas coisas, mas do valor <i>arbitrariamente fixável</i> (semiologia) = signo arbitrariamente fixável (linguística), então a necessidade de distinguir os dois eixos atinge seu máximo, visto que, mesmo por simples evidência <i>a priori</i>, só vale o que é instantaneamente valorável.” (SAUSSURE, 2002, p. 287).	Nesta parte do texto, Saussure está tratando, de um lado, em se verificar o valor na linha do tempo e, de outro, de o fazer na contemporaneidade. Ao tratar do momento atual, de certa forma, faz desaparecer o fator tempo. Na verdade, no CLG Saussure trata da diacronia e da sincronia, no entanto, tais conteúdos teóricos não foram selecionados dentro do capítulo do valor. Nos ELG, nota-se que Saussure está abordando a questão do valor relacionando-o ao fator tempo e à sincronia. Neste sentido, temos a sincronia abordada nos ELG diretamente associada ao valor, e, no CLG, temos a sincronia tratada em outros capítulos. Ver ‘Segunda Parte, Linguística Sincrônica’.
R		“A relação <i>símile</i> : <i>dissímile</i> é uma coisa totalmente diferente da relação <i>símile</i> – <i>similia</i>, e, todavia, esta relação pertence até o âmago, mas inacessivelmente, à noção de valor.” (SAUSSURE, 2002, p. 289).	Este trecho nos ELG está nas notas de Saussure para o curso III (1910-1911): O valor linguístico. Embora bastante sucinto, supõe-se que esteja se referindo ao que temos, no CLG, tratado por relações sintagmáticas e associativas, mesmo porque o esquema utilizado nos ELG nos reporta a uma similaridade dos esquemas contidos no CLG, na ‘Segunda Parte, Capítulo V. Similar ao que ocorreu na coluna Q, Saussure trata de <i>símile</i> – <i>dissímile</i>, abordando a

			questão diretamente relacionada ao valor, e no CLG tais conceitos estão em outro capítulo e não no capítulo que trata da teoria do valor.
--	--	--	--

Considerações finais

Para compor este artigo, vale ressaltar algumas características específicas quando se trata dos ELG. Neste livro, algumas vezes, quando se está a construir um sentido, ou uma interpretação, fica-se à deriva por pontos no texto que estão em branco, sem sentido ou com frases interrompidas. Frisamos que foi justamente esta característica de um livro não dirigido ao ensino e à divulgação que nos viabilizou trabalhar com excertos sem que parecesse estarmos produzindo um trabalho muito retalhado. Tal fato poderá ser percebido quando o leitor se dedicar a ler alguma página das citações dos ELG.

Entretanto, mesmo no CLG, em que os editores pretendem nos conceder um texto sem grandes embaraços, quando nos propomos a determinar exatos conceitos, percebemo-nos rapidamente em embaraço. Parece ser esta uma característica do CLG, pois, quando temos a firme impressão de conseguir assegurar com clareza a definição de determinado conceito, logo nos escapa tal empreendimento. Assim, torna-se necessário suportar trabalhar com o CLG sem contar com conceituações “redondas”, delimitadas e acabadas.

A proposta deste trabalho foi intentar verificar se haveria discrepâncias entre o CLG e os ELG, especificamente no que tange à Teoria do Valor. Logo de início deparamo-nos com alguns impasses. Entende-se que impasses são constitutivos de trabalhos científicos, e acreditamos ser importante pontuar estes percalços, pois poderão contribuir para a compreensão geral deste estudo. Ademais, os obstáculos tornaram o trabalho instigante.

Primeiramente, ao selecionar os pontos mais essenciais da Teoria do Valor no CLG, corria-se o risco de sermos reducionistas e de olvidar algum ponto importante. Ainda assim, realizamos escolhas.

Num segundo momento, enfrentamos a questão de definir quais excertos dos ELG referiam-se de alguma forma à Teoria do Valor. Adentramos, assim, em um aspecto interpretativo, e realizamos nossas opções.

Em um terceiro momento, observou-se que, nos ELG, às vezes encontrávamos parte da teoria, mas com a impressão de que estava faltando o restante do conteúdo. Compreendemos isto de duas formas: primeiro, ao nos deparar com a interrupção da frase ou do pensamento do

autor, e segundo, ao sentir que a teoria ainda não estava “totalmente” construída por Saussure naquele momento. Parecia-nos que o genebrino estava ainda delimitando, ou mesmo, de certa forma, desenhando os contornos de sua teoria, ainda não concluída (se é que se possa afirmar que um dia, para ele, esteve de fato concluída).

O quarto enfrentamento se deu quando, após selecionarmos nos ELG os excertos que se relacionavam à Teoria do Valor, foi necessário determinar em qual coluna haveríamos de relacionar com o CLG tais trechos. Isto se deu porque, às vezes, em uma mesma citação dos ELG, havia referências, por exemplo, à negatividade, à diferença e à oposição, sendo que anteriormente havíamos definido que, quanto ao CLG, estes conceitos (diferença e oposição) estariam em colunas distintas. A escolha se deu de acordo com o que nos pareceu mais condizente com o enfoque dado pelo autor àquele trecho específico.

Há um último ponto importante a ressaltar. Como nos ELG as teorias estão dispersas, por vezes sentimo-nos tentados a importar alguns excertos que nos parecem importantes para a compreensão da Teoria do Valor. Uma questão com a qual lidamos foi sua insistente referência ao Tempo, assim como a questão da mutabilidade e da imutabilidade do signo linguístico. Vale lembrar que o CLG também contém estes conceitos, entretanto, não fazem parte do capítulo específico sobre a Teoria do Valor. Dessa forma, urgiu que nos restringíssemos ao que havia no CLG sobre a referida teoria. Somente utilizamos excertos que não estavam contidos no capítulo relativo à Teoria do Valor, quando Saussure associava o valor a algum determinado ponto, como aconteceu aos excertos das colunas Q e R. Desta maneira, tivemos que nos reportar a outros capítulos do CLG.

Enfim, as conclusões do presente estudo destacam que, nos ELG, os fundamentos da Teoria do Valor estão disseminados pelo texto, no entanto é possível pinçá-los para melhor compreensão e relacioná-los com os pontos retirados do CLG. Quanto aos conceitos que encontramos nos ELG e não localizamos no capítulo da Teoria do Valor do CLG, puderam ser localizados, no entanto, em outras partes do CLG.

Cabe lembrar que os manuscritos editados para os ELG são as anotações de Saussure para diferentes momentos; alguns são para conferências, outros são para o curso que ministrava, entre outras finalidades. Ressalte-se, ainda, que o CLG é a edição, por seus alunos, de suas anotações em sala de aula.

Quanto aos fundamentos da Teoria do Valor, concluímos que constam, em ambos os livros, referências que elucidam a teoria. Segundo a pesquisa, em relação ao que consta no CLG, nem todos os pontos foram encontrados nos ELG. Entretanto, consideramos tal aspecto de somenos importância frente ao quadro geral comparativamente trabalhado. O que encontramos

nos ELG remetendo-nos à Teoria do Valor constava no CLG, mesmo que presente em outros capítulos. Já com relação ao material selecionado acerca da referida teoria no CLG, nem tudo foi localizado nos ELG.

Ademais, o que se encontra no CLG e não é notado nos ELG é creditado pelos alunos ao professor, mesmo não constando tais dados em seus manuscritos. Afinal, se fosse diferente, o fundador da linguística e do estruturalismo seria não apenas Saussure, mas também Sechehaye e Bally.

De certa maneira, arriscamos afirmar que estes paradoxos saussurianos justificam-se porque Saussure é lido por diferentes autores e porque, a partir de sua obra, muito se produz. Ousamos dizer que sua obra não se encerra em si mesma, apresenta-se mais como um ponto de partida para profundas reflexões, de onde é possível retirar algo e propor novas teorias. Saussure influencia e influenciou várias áreas de diferentes ciências, como a antropologia, a própria linguística, a filosofia, a psicologia e a psicanálise.

Assim, foi a partir das aberturas, hiências e brechas encontradas nesta obra que outros estudiosos puderam realizar importantes desdobramentos em suas áreas, a saber, Émile Benveniste, com a teoria da enunciação, Roman Jakobson, em seus estudos sobre a poesia, e Jacques-Marie Émile Lacan, na psicanálise. Sugerimos que, de certa forma, Saussure pressagiou a si mesmo ao afirmar: “Haverá, um dia, um livro especial e muito interessante a ser escrito sobre o papel da *palavra* como principal perturbador da ciência das palavras.” (SAUSSURE, 2002, p. 144).

Referências Bibliográficas

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais. *LETRAS & LETRAS: Um século com a Teoria do Valor de Saussure*. v. 25, n. 1. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística. Jan/Jun.2009. p. 161-174.

NORMAND, Claudine. *Convite à Linguística*. Valdir Flores do Nascimento e Leci Borges Barbisan (orgs). Trad.: Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009a.

_____. *Saussure*. Trad.: Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009b.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad.: Antônio Chelin, José P. Paes e Izidoro Blikstein. 3ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. *Escritos de Linguística Geral*. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. 12ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

SILVEIRA, Eliane. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

_____. A Teoria do Valor no *Curso de Linguística Geral*. *LETRAS & LETRAS*: Um século com a teoria do Valor de Saussure. v. 25, n. 1. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística. Jan/Jun.2009. p. 39-54.

AUTORA

¹ **Eminéa Aparecida VINHAIS, Assistente social, especialista em linguagem e psicanálise, mestranda em Linguística.**
Universidade Federal de Uberlândia - UFU / Instituto de Letras e Linguística
emineas@yahoo.com.br